

MARIA APARECIDA TAVARES TAMER

" E D U C A Ç Ã O :

O P Ç Ã O

C O N S C I E N T E

P E L A

I N D I V I D U A L I Z A Ç Ã O " (*)

(*) Monografia redigida pela autora, como aluna do Curso de Complementação Pedagógica, nesta Faculdade, em junho de 1983.

INTRODUÇÃO

Vivemos uma época de contradições, quando novas idéias pretendem se afirmar e as velhas não querem ser suplantadas. É uma época de opção, que deve vir da liberdade, consequência de haver criticamente captado a realidade, isto é, a ação que vem do conhecimento.

Para que o homem consiga integrar-se a essa realidade, ele precisa de um máximo de razão e consciência. Ora, temos como sabido que a lógica não é inata na criança. Ela se constrói. Vem daí que a primeira tarefa da educação é formar o raciocínio, dentro das possibilidades possuídas pelo homem. Para atingirmos isto, precisamos nos utilizar dos conhecimentos psicológicos e sociológicos que possuímos acerca das leis do desenvolvimento mental. A teoria do desenvolvimento cognitivo na infância e adolescência, de Jean Piaget, vem nos auxiliar nessa tarefa. Observamos através dela, que há um nível ótimo para a aquisição de conhecimentos. Devemos colocar para o indivíduo aquilo que ele pode aprender, senão cairemos num verbalismo frustrante e castrador. Frustrante, porque pensaremos que nossos alunos não aprendem aquilo que lhes ensinamos e castrador, porque quando eles poderiam estar se desenvolvendo, nós estamos desempenhando uma função de inibidores de suas potencialidades.

O educador é o que está junto ao indivíduo para ajudá-lo a ser como ele é, descobrindo e vivendo os valores que acha válidos. É quem vai "ajudá-lo a ser" em sua plenitude, a ver a realidade com lucidez e espírito crítico, descobrindo e assumindo seu compromisso diante dessa realidade. É o homem conseguindo ser o artífice de sua vida, tendo consciência e podendo manipular suas variantes. Não o homem robotizando, comandado pela publicidade e pelos mitos.

Em recente pesquisa em Brasília, foi pedido a alu

nos de 1º grau, que desenhassem o índio e apareceram as formas mais estereotipadas e importadas de índio, isto porque os filmes a que estão acostumados a assistir são modelos estrangeiros.

Ainda em classes de 1º grau, numa redação a respeito do homem do campo, recebemos ótimas e maravilhosas cópias do "Dallas", que é um seriado americano sobre a problemática de poderosa e riquíssima família, que controla poços de petróleo e reside numa fazenda. Eram sempre pessoas limpas e sadias. Ricas, com todos os bens de consumo desejáveis e disponíveis. Consumindo e sendo consumidas.

Esses alunos já haviam sido alertados para a verdadeira vida rural com toda sua problemática, mas, na hora de escrever, assumiram uma postura "bonita", de enfeitar o simples lavrador.

É tudo visto com uma aura, que impede a verdadeira visão da realidade, como se a ingenuidade fosse uma coisa galante e a crítica sempre mordaz.

Talvez a realidade não seja, de fato, muitas vezes, aquilo que desejamos ver, mas, ainda assim é a realidade. E, vale mais um pedaço da dor verdadeiro, do que o bolo todo de ilusões.

Precisamos criar homens e não fadas encantadas com varinhas mágicas trazendo sempre pendente um mundo de alegria. Queremos um mundo real, verdadeiro, de homens reais e verdadeiros. Vamos criar sempre alienados, carregando o jugo de sua própria incompetência ou gente com liberdade para criar, recriar e decidir?

Nós, educadores, temos em nossas mãos o poder da criação. Basta decidirmos lavar o asfalto que despejaram sobre nós e criarmos seres tão diversos e tão iluminados que sejam capazes, de, sozinhos, escontrar o seu caminho: diverso e agreste e rude e belo; mas, o seu próprio caminho, e, cada um ter a coragem de viver a sua própria vida. Este o milagre da criação.

PROFESSOR-ALIADO : TRANSMISSOR DA CULTURA

Talvez não seja fácil para nós, professores, auxiliarmos nessa tarefa.

Em primeiro lugar, porque nos esquecemos, algumas vezes, de que somos educadores e a educação é ato de amor, corajoso. É capacidade de ouvir também o aluno, para, ao lado dele, ajudar a formar seu pensamento reflexivo, na captação da realidade, para encaminhar as soluções. A única matéria para a educação é a vida, no entanto, há uma desconexão dos assuntos que destrói a vitalidade. O fim da educação é fazer da criança um adulto, considerando que ela enfrentará situações as mais variadas possíveis e não somente as que nós já enfrentamos. Esse estado adulto depende de fatores culturais, muito mais que de fatores biológicos. O ser humano é um "animal" especial que vai se educando a vida toda, mas, nós trabalhamos na escola numa época considerada ótima, para sua percepção dos fatos.

Por que necessitamos da escola, quando sabemos que em culturas antigas o conhecimento era passado pela própria família e pela sociedade?

Porque nós atingimos uma fase de industrialização e diversificação, em que a escola se faz necessária ao desenvolvimento da criança, do adolescente e do adulto.

No entanto, quando os pais estão muito preocupados em manter sua subsistência e seu ego, e as crianças são mandadas para a escola, nós, educadores, temos uma tarefa muito importante.

Como vamos desempenhar essa tarefa?

Com um verbalismo livresco, quando conseguimos trinta ou mais espectadores, muitas vezes forçados, quando assim também conseguimos satisfazer a nós mes

mos, vendo como nós possuímos o conhecimento dentro da nossa área? Ou trazendo ao nosso lado esse aluno que quer saber das coisas da vida e que espera aprender conosco?

Ensinemos às crianças o trabalho, o diálogo, o afeto, a camaradagem e o respeito mútuo. Nós não somos os detentores da verdade. Todos têm alguma coisa a nos dizer. Basta ouvir.

Em segundo lugar, nós estamos vindo de uma educação autocrata e não temos ainda o manejo da educação fraterna, onde o professor é o irmão que pode ouvir e auxiliar a ver as direções. Além de não termos o manejo, há, ainda, muitos professores em dúvida quanto às funções da escola, acreditando como no nosso tempo de bancos escolares, que educar é só transmitir conhecimentos. Ocorre que, quando o aluno diz "buraco" no lugar de "cratera", não aceitamos sua resposta no entanto, aprendeu mais o aluno que diz buraco sabendo o que é, do que aquele que diz cratera, sem saber o seu real significado.

Como se o aluno fosse uma caixa registradora: tira maior nota o que registra mais. E nossos alunos, massificados, são submetidos e se submetem porque foram educados para isso e, quando alguém se revolta, é tachado de rebelde. E, porque o aluno não suporta as nossas intermináveis explicações, enquanto a vida corre lá fora, temos como resultado o alto nível de evasão escolar, repetência e insatisfação.

Em terceiro lugar, temos ainda as aspirações da sociedade que, em transição, pressiona para a aquisição de conhecimentos, julgando como boa escola aquela que transmite mais conhecimentos. E como agravante deste processo há vestibulinhos e vestibulares, tristes exemplos de pressões externas para aquisição de conhecimentos.

Temos um quarto problema que se liga à sociedade e aos professores. Formou-se em nossa época o

conceito de que bom professor é o que "dá nota". Ao professor restam três alternativas: ele fica na sua torre de marfim, comandando seus súditos ou ele dá a nota, livrando-se do mau conceito atribuído pelos pais e aprovando indiscriminadamente sem se importar com uma auto-avaliação ou uma avaliação de seus alunos para auxiliá-los; ou ainda faz uma pesquisa psicopedagógica no início do ano e trabalha seus objetivos dentro das possibilidades de cada um, para ver qual foi o nível de aproveitamento alcançado pelos alunos, individualmente. É um trabalho, na verdadeira acepção da palavra.

Finalmente, esse mesmo professor do qual se exige postura de mestre, é responsável pela subsistência de sua família e obrigado a dar aulas em demasia para viver condignamente. Em detrimento de se aperfeiçoar e poder adquirir bases para trabalhar com esta nova realidade, é obrigado a dar cada vez mais aulas, sem poder parar para tomar consciência da experiência dos outros, das novas publicações em materia de educação. Transforma-se assim numa peça do sistema.

Esta problemática de transição, de má formação de profissionais pelas Faculdades, a nossa formação por um tipo de sociedade fechada que agora começa a sair do casulo para participar da criação, propagaram aliados à dificuldade de enfrentar problemas, aceitando como definitivas soluções que não as nossas. De repente, somos obrigados a participar do espetáculo ao lado de nossos alunos, para que estes não fujam do teatro.

Talvez haja educadores que nem consciência dessa opção tenham, pois, não lhes foi dada a chance de saber e, assim sendo, emitem opiniões e não juízos.

São variáveis com as quais temos que trabalhar.

A DIVERSIDADE DO HOMEM

"A Educação é um processo que consiste em modificar os padrões de comportamento das pessoas."(1) Comportamento neste sentido inclui pensamento e sentimento. É necessário um estudo do aluno antes das aprendizagens à luz de padrões desejáveis, para ver até onde ele deve e pode chegar.

O direito à educação é o direito que o indivíduo tem de se desenvolver normalmente, em função das possibilidades de que dispõe. Acontece que essas possibilidades não são as mesmas para todos os indivíduos e nem podemos considerar, quando recebemos uma classe, que aquilo é uma massa homogênea, que, trabalhada da mesma forma, por igual, por inteiro, crescerá também na mesma proporção. Os alunos nem sempre estão no mesmo grau de evolução psicológica, nem no mesmo ciclo de maturação biológica. Suas reações e aptidões são diferentes. Não é porque ele põe o pé dentro da escola que ele deixa lá fora todo o seu mundo. Há grande quantidade de exigências que faz simultaneamente pressão sobre as pessoas e os indivíduos carregam isso para todo lado, tendo dificuldade para trabalhar, estudar e conviver com isso. - Seu dia a dia é diferente.

Cada professor que entre em classe pensa ser a sua matéria a mais importante e que o aluno deve ter predisposição e interesse para ouvi-lo. Esquecemos que há preferências.

Quando a escola recebe as crianças, elas trazem já consigo uma realidade resultante do ambien-

(1) Tyler, Ralph - Princípios básicos de currículo e ensino - Editora Globo, Porto Alegre, 1979 - pág. 5.

te em que viveram e das experiências por que passaram. Cada um é um. A escola julga-os todos iguais. Os que trazem consigo uma realidade positiva terão sucesso, os que trazem uma realidade negativa, fracassarão. A escola funciona então como reprodutora da desigualdade que a sociedade já mostrou. Os alunos que não tiveram boas oportunidades são aqueles que iremos chamar de "fracos". Aqueles que, por vezes, não conseguem alcançar sequer o vocabulário do professor, porque a vivência deste é grande e mais diversificada e a daquele é o seu pequeno mundo e o que lhe chega despejado através dos meios de comunicação. Aqui é bom citar a importância do trabalho em grupo, em que a criança é obrigada a desenvolver a sociabilidade, tendo-se em mente também que o processo lógico do pensamento é uma decorrência da comunicabilidade e que vai aparecer estimulado pela crítica. O que o aluno talvez não tenha entendido através do meu vocabulário, entenda através do amigo que é do seu nível e conhece suas dificuldades.

Devemos perceber também que é impossível dar a mesma aula numa escola do centro para classes privilegiadas e na periferia ou zona rural. O professor precisa adaptar os seus conteúdos à realidade escolar, tendo sempre em vista a qualidade adequada a cada indivíduo.

Tudo o que foge à normalidade costuma constri-ger as pessoas. Se, de um lado, a escola acha difícil trabalhar com o aluno "fraco", o aluno "forte" por outro lado, torna-se também um problema. O desenvolvimento e o exercício de sua potencialidade, auto-expressão, auto-realização e afirmação vão depender, fundamentalmente, das oportunidades que lhe possam ser oferecidas em programas elaborados em função de suas necessidades e potencialidades intelectuais. - Devemos compreender e não prejudicar os indivíduos em sua capacidade de trabalho e progresso, levá-los à realização com a plenitude de que forem capazes.

Para aprender é necessário que a curiosidade inicial conduza à vontade de aprender, tendo como meta o crescimento geral. Não se trata, pois, como muitas vezes vemos, do conhecimento para se tirar nota, como se aprendêssemos alguma coisa para ganhar nota e não para nossa vida. O conhecimento que se adquire na escola não deve ser uma coisa estanque mas a própria vida.

Há necessidade de um atendimento individual e o enriquecimento ou redução horizontal e vertical do programa, quando estivermos com um aluno que assim o exija. É preciso estar apto a capitalizar os atuais interesses e talentos das crianças, auxiliando-as a expandí-los, estimulando o diálogo e o desejo de fazer perguntas e conferir o que vêem e ouvem.

CONCLUSÃO

O currículo deve ser, portanto, adaptado às diversas realidades. O conhecimento do estágio atual de desenvolvimento de cada aluno é interessante para as sim trabalharmos de modo a preencher suas lacunas ou necessidades. Deve-se também fazer um estudo da vida contemporânea fora da escola, para se analisar as carências da comunidade.

As sugestões várias dadas por especialistas por diversos meios, entre eles o livro didático, devem ser vistas à luz da necessidade dos meus alunos, com a velocidade que eles puderem ter.

Dentro desse universo escolar há quatro significativos que deverão estar baseados na vivên-cia do aluno, ajudados pela filosofia dos valores es-senciais a uma vida satisfatória e eficaz. E a psicologia da aprendizagem nos capacitará a distinguir as mudanças que se pode e as que não se pode esperar resultem de um processo de aprendizagem.

1- Enunciar objetivos

Os objetivos são formulações das mudanças que se espera ocorram nos alunos, mediante o processo educacional. Já vimos que a escola é um processo vital do qual esperamos uma modificação positiva, senão ela não teria sentido. Precisamos ter sempre claros os objetivos e persegui-los sempre, levando sempre em conta as diferenças individuais, precisando que esses objetivos serão atingidos de forma diferente, tendo sempre em mente até onde ele deve ser atingido por um determinado indivíduo. Deve-se visar a um número pequeno de objetivos, visto que se leva grande espaço de tempo para alcançá-los.

2- Selecionar experiências

O que é importante para conseguirmos atingir o objetivo?

Qual é a área de dificuldade daquele aluno?

O que precisa ser mais supervisionado e ajudado?

E preciso pensar que as dificuldades são em pontos diferentes. Detectar e tentar melhorar tais pontos é primordial.

O conhecimento que se exige do aluno, antes que ele tome uma decisão vocacional definitiva, deve ser da maior relevância e da mais extensa aplicabilidade, levando-se em conta que o estudante deve ter experiências que lhe deem oportunidade de praticar o tipo de comportamento implicado pelo objetivo.

3- Organizar experiências

A forma de organizar o conhecimento com vistas à sua aprendizagem deve ser ajustada às condições internas do aluno em seu particular estágio de de

envolvimento, atendendo-se às suas necessidades imediatas de informação. Tudo aquilo que temos a necessidade de aprender ajusta-se ao que já sabemos, fazendo um "eu" maior, diferente do antigo, porque acomodou novas estruturas.

Devemos auxiliar o aluno na aquisição de conhecimentos de maior utilidade e ajudá-lo a empregar esses conhecimentos em novas situações. Isto é aprender para a vida, estabelecendo um vínculo entre a escola e a realidade. Estes conhecimentos mais as habilidades para lidar com eles, conseguida através do diálogo, levarão à capacidade de opção. Nossa vida é um "continuum" de opções. Quando bem estruturadas, podemos escolher mais conscientemente. Esta capacidade para enfrentar e elaborar a realidade com consciência é mais aplicável e mais permanente que o simples conhecimento memorizado que hoje se sabe e amanhã não mais, porque vai para o porão junto com as coisas inúteis.

4- Avaliação

A avaliação, se usada inadequadamente, pode matar uma grande dose de motivação, o interesse e a expectativa do melhor.

É altamente egocêntrica, pois o homem julga as coisas tomando a si próprio como referência. É difícil pensar e trabalhar com cada aluno : com sua variante social, psicológica, biológica e ajudá-lo no seu atual estágio.

A avaliação deve ser contínua e segura e não apenas baseada numa prova, porque daí vem a necessidade da burla para conseguir nota e também vem a idéia de apenas estudar para a prova, quando sabemos que esse conhecimento é momentâneo. Se num dia aplicarmos uma prova teremos um resultado; se no outro dia, aplicarmos uma prova diferente, baseada no

mesmo conhecimento, teremos um outro resultado. Indivíduos que foram muito bem numa, poderão ir muito mal na outra. Isto porque as aprendizagens que se produzem para as provas podem não ser duradouras e não corresponder a efetivas aprendizagens.

Vamos então tentar avaliar como educadores, valorizando atitudes, valorizando aquilo que possam fazer e até onde possam, cada um individualmente.- Fixemos níveis individuais de exigência, que cada um aprenda dentro de seu ritmo o que possa fazê-lo.

E impossível acreditar que, falando-se de um assunto com trinta pessoas, todas consigam apoderar-se totalmente do mesmo. Se queremos criar consciência crítica, precisamos antes possuí-la.

★
★ ★
★

BIBLIOGRAFIA

- BLOOM, Benjamin S. et alii. Taxionomia de objetivos educacionais. Porto Alegre, Globo, 1972, v.1.
- BRUNNER, Jerome. O processo da educação. São Paulo, Nacional, 1972
- DORIA, Ana Rimoli de Faria. O ensino aos superdotados. Educação, Brasília, MEC, 1(3):104-110, out./dez. 1971.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 8.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- LIMA, Lauro de Oliveira. Escola no futuro, São Paulo, Edições Encontro, 1966.
- MESSICK, Rosemary G. et alii, ed. Currículo : análise e debate. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. Uma escola para o povo. 11.ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- OSTERRIETH, Paul-Alexandre. Fazer adultos. São Paulo, Nacional, EDUSP, 1967.
- PINTO, Aloylson Gregório de Toledo. Funções e objetivos da Educação escolar. Educação, Brasília, MEC, 7(26): 97-112, jan.mar. 1978.

SANTOS, Wladimir dos. Avaliação. Sorocaba, OSE, Mim. 1984.

TYLER, Ralph. Princípios básicos de currículo e ensino. Porto Alegre, Globo, 1979.

WHITEHEAD, Alfred North. Os fins da educação e outros ensaios. São Paulo, Nacional, EDUSP, 1969.

DOCUMENTO
DE
ANÁLISE
DA
CONTRIBUIÇÃO
FREDUJANA

Projeto de Cópia da Faculdade de Pedagogia
Livraria e Loja de Livros